

Editorial

Os artigos publicados neste número analisam práticas educativas e formativas que recobrem o marco temporal do século XVI ao século XX. As fontes priorizadas para as investigações incluem, entre outras, narrativas de viajantes europeus, cartas e relatórios de jesuítas, legislação, imprensa, escrita epistolar publicada em periódicos, estatutos, regimentos, regulamentos, relatórios da instrução pública, objetos da cultura material escolar (cadernos, livros, manuais), fotografias, exposições, histórias de vida e entrevistas.

Jérôme Thomas oferece uma reflexão significativa e fundamentada sobre a educação entre os tupinambás, estabelecendo um diálogo fértil entre história, sociologia e antropologia. O autor evidencia rituais em torno do nascimento, das práticas de nomeação, da infância e da puberdade, que se estabeleceram de forma diferenciada entre meninos e meninas no século XVI.

A partir do método indiciário, Dirce Nazaré Andrade Ferreira e Cleonara Maria Schwartz contribuem com uma abordagem pertinente da legislação de 1827 e a implantação do método lancasteriano no Brasil, destacando, de modo particular, a educação feminina. A análise permite uma boa aproximação entre os contextos educacionais, políticos e socioeconômicos do Brasil e da Inglaterra, no começo do século XIX.

Fabiana Sena se dedica a compreender a instrução pública brasileira, investigando a escrita epistolar publicada nos jornais do Império, nas províncias do Rio de Janeiro e da Paraíba, durante o século XIX. Ao identificar os principais signatários e destinatários, bem como as estratégias discursivas e de legitimação utilizadas pelos diferentes autores, o estudo contribui para elucidar as diversas opiniões sobre a educação imperial que foram veiculadas na imprensa periódica no período.

A Sociedade Propagadora da Instrução Pública, criada em 1872, em Pernambuco, foi o objeto selecionado por Ivanilde Alves Monteiro e Haljnaka Hálajz Gati. As autoras apontam a mobilização das sócias dessa

entidade em favor da escolarização feminina, com a implantação de uma Escola Normal para Senhoras em Recife. Além dessa realização importante, a associação atuou na defesa do ingresso das mulheres no magistério primário, na criação de outros cursos e na difusão de diferentes processos educativos.

Luiz Eduardo Oliveira contribui com um estudo fértil, evidenciando o processo de difusão das línguas vernáculas e a transformação das mesmas em línguas nacionais, a partir do processo de generalização dos sistemas educacionais na Europa. As relações de poder entre Igreja e Estado, a constituição das diferentes nações, a necessidade de elaboração das identidades nacionais e a legislação pombalina são tratadas pelo autor com propriedade e erudição.

Ademir Valdir dos Santos tem por objetivo demonstrar o poder doutrinário das escolas brasileiras e italianas, no começo do século XX, por meio de elementos da cultura material escolar, tais como: livros didáticos, cadernos, fotografias, solenidades e rituais escolares, entre outros. O autor evidencia possibilidades de fascistização da infância nos dois países. A comparação entre os processos educativos e de gestão dos sistemas escolares italianos e brasileiros, durante os regimes totalitários, permitiu acessar práticas diferentes e semelhantes em relação à propaganda de base ideológica no cotidiano escolar, e no tocante ao controle do trabalho docente e à centralização curricular.

As exposições de produções artísticas infantis, organizadas pela educadora polonesa radicada em Curitiba, Emma Kleè Koch (1904-1975), foram investigadas por Dulce Regina Baggio Osinski e Giovana Simão. As autoras procuram compreender as relações da difusão da Escola Nova, os pressupostos da arte e da educação, principalmente, nas décadas de 1940 e 1950. O desejo da expressão espontânea da criança, valorizada pela educadora, muitas vezes, entrava em conflito com os objetivos políticos do Departamento de Ensino Artístico da Secretaria da Educação e Cultura do Paraná, no período de 1949 a 1952.

Alexandra Lima da Silva, que tem como recorte temporal meados do século XIX e as décadas iniciais do século XX, busca analisar o florescimento do mercado editorial e o investimento na publicação de livros didáticos, com relevância para os manuais de História do Brasil, no Rio de Janeiro, tendo em vista os diferentes atores desse processo, tais como: autores, livreiros, editores e professores. A preocupação da autora se revela também no sentido de compreender a massificação do livro didático, no começo do século XX, que incluía outras possibilidades de

leitura para além do universo escolar, e os processos de divulgação evidenciados pela imprensa periódica.

A identidade dos professores que atuaram no Curso Normal, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, nas décadas de 1950 e 1960, é o principal foco de Sonia de Castro Lopes que, mais uma vez, contribui, de forma significativa, para o campo da História da Profissão Docente. A autora esclarece os processos de formação, as formas de acesso ao exercício docente e a constituição das carreiras profissionais, bem como as relações entre as disciplinas ministradas; além disso, analisa os espaços sociais ocupados por eles, e a elaboração e circulação dos livros didáticos que publicaram. A sacralização do espaço escolar e a produção da hierarquização do corpo docente do Curso Normal da referida instituição foram alguns dos elementos ressaltados pela pesquisadora.

Ainda neste número da *Revista Brasileira de História da Educação* temos duas resenhas publicadas. A primeira é de autoria de Felipe Andres Zurita Garrido sobre a obra organizada por Sol Serrano, Macarena Ponce de León, Francisca Rengifo, intitulada: *História da la Educación en Chile (1810-2010)*. A segunda resenha é assinada por Simone Toneli Oliveira Roiz produzida a partir do livro *Os caminhos (da escrita) da História e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968)*, de autoria de Diogo da Silva Roiz. As duas obras foram publicadas em 2012.

Lembramos a todos que a *Revista Brasileira de História da Educação* mantém fluxo contínuo de avaliação das colaborações recebidas e aguarda com expectativa a contribuição de todos para garantir a veiculação e o intercâmbio das produções e pesquisas no campo da História da Educação. Desejamos uma boa leitura!

Comissão Editorial da Revista Brasileira de História da Educação